



A falta de evidências arqueológicas que comprovem o poder da religião institucional em Israel e Judá

The lack of archaeological evidence to prove the power of institutional religion in Israel and Judah

José Ademar Kaefer*

Resumo: O objetivo deste artigo é mostrar a falta de evidências arqueológicas que comprovem o poder da religião institucional em Israel e Judá. Essa falta é atestada através da análise local (in situ), com auxílio bibliográfico, dos principais sítios arqueológicos desses dois reinos: Megiddo, Hazor, Gezer, Dã, Samaria, Betel, Silo, Jerusalém, Laquis e Arad. A conclusão é de que em todos esses sítios o poder da religião, com templos e grandes altares, era muito forte até o final do Bronze Tardio. Na transição do Bronze para o Ferro I, e particularmente para o Ferro II, quando essas cidades se tornam israelitas, as evidências do poder da religião desaparecem. Só voltam a aparecer, em Judá, no final do século VII AEC.

Palavras-chave: Poder da religião; Israel e Judá; sítios arqueológicos.

Abstract: The purpose of this article is to show the lack of archaeological evidence that proves the power of religion in Israel and Judah. This lack is attested through local analysis (in situ), with bibliographical assistance, of the main archaeological sites of these two kingdoms: Megiddo, Hazor, Gezer, Dan, Samaria, Bethel, Silo, Jerusalem, Lachish and Arad. The conclusion is that in all these sites, the power of religion, with temples and great altars, was very strong until the end of the Late Bronze Age. In the transition from Bronze to Iron I, particularly to Iron II, when these cities become Israelite, evidences of the religion's power disappear. They only reappear in Judah at the end of the seventh century BCE.

Keywords: Power of religion; Israel and Judah; archaeological sites.

Introdução

Com o avanço da nova forma de fazer arqueologia, todo o conhecimento que tínhamos acerca da história de Israel e Judá e seu entorno precisa ser revisto. Um dos aspectos que consideramos carente de revisão se refere ao poder da religião nos reinos de Israel e Judá, assunto do qual este artigo pretende se ocupar. Para tanto, tomaremos inicialmente como parâmetro o poder da religião no Egito, império que controlou politicamente Canaã por séculos, e Ugarit, reino cuja cultura religiosa teve grande influência em Israel e Judá. Em seguida, abordaremos a presença da religião nos principais sítios arqueológicos de Israel e Judá, com especial atenção à fase de transição do Bronze Tardio para o Ferro.

* Doutor pela Universidade de Münster (Alemanha). Docente titular do PPG em Ciências da Religião da UMESP (São Bernardo do Campo-SP). Pesquisador FAPESP. ORCID: 0000-0003-1607-2810 – contato: jademarkaefer@gmail.com

É importante considerar que quando nos referimos à religião estamos aludindo à religião institucional de Israel e Judá antigos. Não é possível abordar aqui toda a complexidade que envolve esse conceito (Uehlinger, 2015; Lewls, 2020; Schmitt, 2020). Lamentavelmente, a arqueologia tem uma dívida enorme concernente à religião cotidiana do ambiente popular aldeão, camponês etc., uma vez que seu espaço de ação se restringe quase exclusivamente aos grandes centros, cidades, fortalezas etc. É também a partir desse referencial que se desenvolve a presente abordagem. Consciente, portanto, da parcialidade de suas conclusões.

O poder da religião no Egito no Bronze Tardio

Sem querer adentrar a análise da complexa e longa história do Egito, é bem conhecido o grande poder que exercia a religião naquele país. À correta, intensa e permanente atividade sacerdotal no exercício das oferendas, sacrifícios e rituais aos deuses era atribuída, em última instância, a estabilidade do império. Esse poder é bem perceptível na magnificente estrutura dos seus inúmeros santuários. Os grandes templos, como o de Karnak, eram apenas parte de um complexo bem maior, que incluía vários templos menores, além de casas de centenas de sacerdotes, armazéns, escolas, padarias, tecelagens etc. Nesse complexo, que ficava cercado por uma imensa muralha, trabalhavam milhares de funcionários. Ademais, os sacerdotes eram donos de muitas terras e escravos, de forma que boa parte da riqueza do país estava concentrada nas mãos dos sacerdotes. A mumificação, exercida e controlada pela classe sacerdotal, era outra particularidade que fortalecia o poder dos sacerdotes. Somado a isso o domínio da escrita hieroglífica, considerada sagrada, dava aos sacerdotes acesso direto aos deuses. De maneira que a religião representava um Estado dentro do Estado. São conhecidas no Egito centenas de tumbas onde importantes sacerdotes eram enterrados como verdadeiros faraós. A tal ponto que o poder dos sacerdotes chegava a concorrer com o poder do faraó e sua corte.

A tensão entre os dois poderes parece ter sido um dos principais motivos que levaram Amenhotep IV (Akenaton) (1352-1336) a transferir a capital de Tebas para Aketaton (Amarna) e a destituir Amon-Ra do panteão divino, colocando em seu lugar o deus Aton. Ou seja, Akenaton projetava em seu horizonte enfraquecer o poder da classe sacerdotal (Kaefér, 2020a, pp. 11-34).

Esse poder da religião no Egito, às vezes paralelo ao Estado, particularmente no Bronze Tardio, também pode ser observado em outros centros do Levante. Até mesmo nas cidades-estado dominadas pelo Egito, como é o caso de Ugarit, cuja cultura influenciou enormemente a religião em Canaã, de modo especial Israel e Judá.

O poder da religião em Ugarit

Relativas a um período posterior ao do Egito acima abordado, as escavações, Iniciadas em 1929-1930 por Rene Dussaud e Claude Schaeffer, de Rash Shamra (Ugarit) revelaram, com bastante clareza, que a cidade tinha duas grandes estruturas de poder: a área da realeza e a acrópole. A primeira ficava levemente à direita, logo a se

adentrar pelo portão principal, no lado oeste da cidade. Ali foi encontrada uma grande estrutura palaciana (Yon, 2006, pp. 27-30). A outra ficava mais ao fundo da cidade, seguindo mais ou menos em linha reta, em direção leste, a partir do portão principal. Curiosamente, essa área ficava na parte mais elevada da cidade, por isso, acrópole. Ou seja, ficava numa área de destaque, cuja vista dominava toda a cidade. Além de ficar na parte mais elevada, ela ficava mais protegida, distante da entrada principal, que comumente era a parte mais vulnerável em caso de ataques e assédios. Na acrópole ficava a área sagrada. Ali foram encontrados dois templos, que se sobressaíam em relação às demais construções: o templo de Ba'al, o Deus mais popular de Ugarit, e o templo de Dagan, o Deus do mar. Eram dois templos imponentes que dominavam a vista da região circunvizinha. Inclusive, o topo do templo de Ba'al era utilizado para se comunicar com o porto, Minet el-Beida, que ficava aproximadamente a 800 metros da cidade (Curtis, 1999, pp. 5-27). Possivelmente também servia de marco para os marinheiros que ancoravam no porto. Entre os dois templos se encontrava a casa do sumo-sacerdote.

Os dois poderes também se distinguem pela abundante literatura encontrada em Ugarit. Cerca de dois mil escritos, entre textos e fragmentos, foram revelados pelas escavações (Watson; Wyatt, 1999; Dietrich; Loretz; Sanmartín, 2018). Os dois tipos de literatura se diferenciam basicamente entre a literatura civil: tratados, correspondências comerciais, administrativas, privadas etc. (Van Soldt, 1999, pp. 28-45); e a literatura religiosa: o ciclo de Ba'al e Anat, a lenda de Keret, a lenda de Aqhat, a saga dos Rapauma, encantamentos etc. (Del Olmo, 1981; Gibson, 1999, pp. 193-202; Pardee, 2002; Smith, 2006). A primeira foi encontrada quase em sua totalidade nos palácios e a segunda na casa do sumo-sacerdote e em casas particulares. O que confirma que a sociedade de Ugarit era dividida em dois poderes: a da realeza e da religião. Similar, portanto, à sociedade egípcia (Wyatt, 1999, p. 529-585). Somente um poder forte da religião, com uma estrutura consistente, com posses, com, pelo menos relativa autonomia, permite que se produza uma literatura religiosa tão abundante como a que foi encontrada em Ugarit.

Ugarit atingiu seu maior nível de desenvolvimento durante o período do Bronze Tardio, ainda que os dois templos da acrópole possam ter sido construídos no final do Bronze Médio (Yon, 2006, p. 18). De maneira que o poder da religião em Ugarit deva ter atingido seu desenvolvimento máximo nesse período de maior prosperidade econômica. Ugarit foi completamente destruída no final do Bronze Tardio, provavelmente pelos povos do mar. Depois disso nunca mais se recuperou plenamente.

Enfim, ainda que em dimensão menor, se comparada ao Egito, parece-nos não haver dúvida de que existia na sociedade de Ugarit uma estrutura de dois poderes fortes.

O poder da religião em Canaã, prévio a Israel e Judá

As cartas de Tell el-Amarna, maior fonte literária sobre Canaã prévia ao surgimento de Israel e Judá (Rainey, 2015; Moran, 1989; Mynarová, 2015), praticamente são isentas de informações quanto ao culto praticado nas cidades-estado cananeias. Parece que os governantes vassalos, autores das cartas, propositalmente evitavam mencionar

alguma divindade que eventualmente pudesse ser cultuada em seu domínio. Quiçá se objetivava evitar constrangimentos com o faraó egípcio, destinatário das cartas. É o que se pode ver, por exemplo, na EA 266, enviada por Tagi, governante da cidade-estado de Ginti-Kirmil. Nela, Tagi se refere ao faraó como o único ponto no universo de onde emana luz. Mesmo assim, com um olhar aguçado sobre o conteúdo das cartas, alguns indícios podem apontar para a prática de cultos locais. É o caso, por exemplo, do nome do governante da cidade-estado de Gat (EA 63-65;335), que se chamava 'Abdi-Ashtarti (servo de Astarte), e do governante da cidade-estado de Amurru (EA 60-65), que se chamava 'Abdi-Ashirta (servo de Asherah). Ou seja, os nomes parecem indicar que nessas cidades-estado se cultuava Astarte e Asherah, respectivamente. Ou, ainda, das cartas da cidade-estado de Biblos (EA 77, 87, 95, 102, 132), que fazem menção a uma deusa chamada "Senhora de Biblos" (Kaefér, 2020a, pp. 146-150).

Contudo, esse silêncio das cartas de Amarna não significa que nesse período não houvesse a presença de uma estrutura religiosa bastante atuante nas referidas cidades-estado. É o caso de Ugarit, visto acima. Apesar da forte estrutura religiosa existente em Ugarit, as cartas enviadas pelos seus governantes para o Egito não fazem qualquer menção à religião. Foram encontradas seis cartas em Amarna provenientes de Ugarit (EA 45-51). Destas, duas foram enviadas pelos governantes 'Amitamru I (EA 45) e Niqmadu (EA 49), uma pela rainha Heba (EA 48), uma pela princesa de Ugarit (EA 50), uma por Addu-Nerari, governante de Nugasse, e uma sem identificação do remetente (Cochav-Rainey, 2015, pp. 1390-1395). Todas evitam falar das divindades cultuadas em Ugarit. Esse fato parece se repetir em outros centros, como se verá mais adiante através dos estudos arqueológicos.

Depois de Amarna, final da Era do Bronze e início do Ferro, sobrevém um vácuo de informações acerca de Canaã, tanto literário quanto arqueológico. Esse vazio informativo parece ter como principal agente uma grande crise social-econômica que se instalou em todo o Levante. Ainda não há unanimidade quanto às causas que provocaram essa crise centenária, que teve provavelmente como causa principal uma grande estiagem que se prolongou por cerca de cento e cinquenta a duzentos anos, corroborado pela chamada invasão dos povos do mar.. O que está evidente é que, quando todo o Levante começa lentamente a se recuperar, acontece uma total reconfiguração geopolítica da região. Essa reconfiguração se resume basicamente ao fim das cidades-estado e ao florescimento de pequenos reinos, entre eles Israel e Judá. Essa transição pode ser observada atualmente nos principais sítios arqueológicos da região, como no Tel Megiddo.

Megiddo

Por que Megiddo? Porque Megiddo, a nosso juízo, é o sítio mais importante para entender a história milenar desta região do Levante Sul, que abrange o território onde surgirão os reinos de Israel e Judá. Em consonância, Megiddo fornece os melhores dados de um único local para a compreensão das práticas de culto no Levante nas idades do Bronze e do Ferro (Kleiman, at all, 2017, p. 46). Essa importância se dá devido à localização estratégica junto à rota comercial mais importante que ligava o Egito ao

resto do mundo, o chamado Caminho do Mar (Via Maris), na embocadura do Vale de Jezreel, celeiro do império egípcio. Portanto, controlar Megiddo significa controlar todo o rico comércio internacional que por ali passava. Seu domínio permitia controlar também todo e qualquer grande deslocamento militar na região. Por isso, Megiddo serviu de base militar por dezenas de séculos aos poderes de turno. Razão pela qual foi palco de constantes guerras, de destruições e reconstruções. Por isso, a estratigrafia do Tel Megiddo é hoje um livro de história a ser desenterrado, lido e interpretado.

Enfim, em nosso entender, Megiddo é o melhor sítio arqueológico para compreender o que passou com a religião na transição entre o fim das cidades-estado e o surgimento do estado de Israel¹ em Canaã.

Com algumas interrupções, Megiddo conta com mais de um século de escavações. O início se deu nos anos de 1903-1905, com a Deutcher Palästina-Verein, sob a condução do arqueólogo Gottlieb Schumacher. Depois da escavação alemã, aconteceu a grande expedição gerenciada pelo Instituto Oriental de Chicago, que escavou o sítio por treze sucessivos anos (1925-1938). A escavação do Instituto de Chicago se deu em três etapas: de 1925-1927, com o arqueólogo Clarence Stanley Fisher; de 1927-1935, com o arqueólogo Philip Langstaffe Ord Guy; e de 1935-1938, com o arqueólogo Gordon Kenneth Loud.

Depois da expedição Chicago, a escavação de Megiddo foi interrompida devido ao início da segunda grande guerra mundial e só retomada em 1960, agora pela universidade hebraica de Jerusalém, sob a direção do arqueólogo Yigael Yadin. Essas foram expedições pequenas e breves, que aconteceram nos anos 1960, 1966-1967 e 1971-1972.

Depois da escavação de Yadin, houve nova interrupção, que durou até 1992. De 1992-2021, as escavações do Tel Megiddo vêm sendo dirigidas pelo Departamento de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv, sob a coordenação dos arqueólogos David Ussishkin e Israel Finkelstein (Ussishikin, 2018).

Entre as diversas áreas escavadas, duas são de especial interesse para o nosso tema: a área da realeza e a área sagrada. As duas são ainda perfeitamente visíveis atualmente no Tel. Adentrando-se pelo complexo de vários portões sobrepostos, na parte sudoeste do sítio, encontra-se logo à direita uma grande área conhecida como a área da realeza (área L), também com um complexo de palácios de diferentes e longos períodos. Essa área começou a ser escavada já nas primeiras expedições conduzidas por Schumacher em 1903-1905 e continua até o presente momento. Inclusive, em 2016 foi escavada em uma área anexa (área H), com a participação do autor, uma tumba real. A última escavação na área aconteceu em 2018.

A outra área é área sagrada, conhecida como área J, que fica na parte mais elevada da cidade, em direção leste, oposta à área da realeza. Essa área é uma espécie de acrópole, similar à encontrada em Ugarit. Ali também foram escavados vários templos, de diferentes épocas. O mais antigo e grande templo consta ser do Bronze Antigo e foi escavado em 1938 por Gordon Kenneth Loud. No centro do templo foi encontrado um enorme altar circular de pedra, de 8-10 metros de diâmetro, que ainda é

1 Mencionamos somente Israel porque Megiddo irá fazer parte do reino de Israel, não de Judá.

bem visível ao visitante hoje. Na base do altar havia uma escada de sete degraus que conduzia ao topo.

As escavações revelaram que esse complexo da área sagrada de Megiddo serviu por mais de um milênio como centro de culto, não só para os habitantes da cidade, mas para toda a população que ocupava o vale. Ou seja, as dimensões do templo, do seu altar e dos restos de ossos de animais grandes encontrados junto ao altar demonstram o poder que a religião exercia naquela cidade-estado.

A área sagrada, com o grande altar circular ao centro.



Fonte: Gentileza de Israel Finkelstein.

O último grande templo da área sagrada foi destruído pelo fogo, por volta de 1130-950, estrato VIA (Ussishikin, 2018, pp. 106-139; 200-220). Depois disso, a área continuou sendo utilizada como local de culto, porém, sem grande expressão. Por volta da primeira metade do século IX, a área sofreu nova destruição, estrato V (cf. Kleiman, et al, 2017, pp. 24-52), provavelmente causada pela ocupação israelita, sob o governo omrida. Curiosamente, com o surgimento do reino de Israel Norte² como um Estado potencialmente dominante na região, a área sagrada de Megiddo foi desativada e substituída por residências domésticas e estábulos para cavalos.

² Para entender uso da expressão “Israel Norte” em vez de “reino do norte”, veja Kaefér, 2020b, pp. 391-409.

Quando Megiddo se tornou uma cidade israelita, o caráter especial da área sagrada, que durou milhares de anos, foi lentamente esquecido e, eventualmente, residências domésticas e estábulos para cavalos foram erguidos neste local (Ussishkin, 2018, p. 200, tradução nossa).

Ou seja, nenhum outro templo ou altar, seja javista ou de outra divindade, substituiu esse milenar centro de culto. Nenhum templo israelita foi encontrado em Megiddo. Há uma grande ocupação do sítio no período omrida, com grandes construções, como o palácio, os estábulos e o polêmico portão de seis câmaras, inicialmente atribuídos por Yadin a Salomão (Yadin, 1958, pp. 80-86) e mais tarde, pela universidade de Tel Aviv, a Acab³. Porém, nenhum templo. Mesmo durante a grande ocupação assíria, a partir de 732 AEC, que fortificou a cidade e construiu um grande palácio na área contígua à área da realeza, apenas alguns níveis superiores (nível III), ainda bem visível ao visitante, porém, nenhum templo. Parece-nos evidente, portanto, que, com o Estado de Israel, a religião perdeu poder em Megiddo. O mesmo parece ter ocorrido em outros sítios relevantes com presença israelita, como veremos a seguir.

Hazor

O processo visto em Ugarit e Megiddo também pode ser observado em Hazor, uma das maiores e mais importantes cidades-estado de Canaã, com cerca de 200 acres (Js 11,10; Jz 4,2). Hazor passou pelo mesmo processo de destruição no final do Bronze Tardio e lenta reconstrução no Ferro II pelo qual passou Megiddo (Ben-Tor, 2016, p. 117). O sítio é dividido em duas áreas de ocupação: a Hazor baixa, de maior extensão, e a Hazor alta (acrópole), menor. No período do Ferro II, sob o domínio israelita, somente a Hazor alta esteve ocupada. Similar a Megiddo, ela foi fortificada pela dinastia omrida, provavelmente pelo rei Acab, com uma enorme muralha casamata, armazéns e um portão de seis câmaras, que inicialmente também foram atribuídos a Salomão (1 Rs 9,15) por Yigael Yadin (Ben-Tor, 2016; Kaefer, 2012, pp. 19-21). Em 732 AEC, Hazor foi destruída pelos assírios e a partir daí foi perdendo importância. Atualmente, as escavações em Hazor são dirigidas pelo Departamento de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém, sob a coordenação do arqueólogo Ben-Tor.

Também em Hazor foi encontrada uma série de templos e altares que perpassaram os séculos das eras do Bronze Antigo, Médio e Tardio, até a completa destruição da cidade no final do Bronze Tardio. Exemplo são as dez estelas, nove de pé e uma deitada, encontradas no Grande Templo do Bronze Médio e que se encontram hoje no museu de Jerusalém. Contudo, estranhamente, apesar das enormes construções mencionadas acima, feitas por Israel Norte, nenhum templo ou altar javista foi encontrado sob o domínio israelita. Ou seja, de forma similar ao fenômeno observado em Megiddo, a religião, muito forte durante toda ocupação milenar das Eras do Bronze, parece ter perdido importância na nova configuração geopolítica pela qual Hazor passou na Era do Ferro, quando se tornou uma cidade israelita.

3 Recentemente os estábulos foram atribuídos a Jeroboão II, que os teria construído para exportar cavalos para o exército assírio (Franklin, 2017, pp. 87-101).

As 10 estelas encontradas em Hazor.



Fonte: Foto do autor.

Gezer

Gezer também foi uma das mais importantes cidades-estado de Canaã (EA 267-272, 293, 297-300, 378), graças à sua localização na entrada do vale de Ayalon. Além do acesso ao território fértil da região, de Gezer se podia controlar toda a movimentação que acontecia na Via Maris. Por isso, Gezer teve ocupação desde o período do Bronze Antigo até sua conquista, em 733 AEC, pela Assíria. Além das imensas muralhas, séries de portões, um impressionante túnel/sistema de água⁴, Gezer, igualmente aos sítios vistos acima, também possuía uma enorme área sagrada, que ficava na parte elevada (acrópole) da cidade e afastada do portão principal. Ali se encontram ainda bem visíveis dez enormes estelas (*Mazebot*), algumas medindo mais de três metros de altura, remanescentes da era do Bronze, quando esta parte de Gezer, ao que parece, era um centro de culto para as aldeias interioranas da região. As estelas, que já foram motivo de muita especulação, impressionam ainda hoje os visitantes.

As mazebot de Gezer.



Fonte: Foto do autor.

⁴ Escavado por McAlister no princípio de 2020, o túnel foi recentemente “reescavado” para retirar a terra assentada em seu interior, ficando, assim, acessível ao visitante. As escavações no Tel são conduzidas desde 2010 pelo Departamento de Arqueologia do Seminário Teológico Batista de Nova Orleans.

A partir da era do Ferro II, quando a cidade passa para o domínio israelita, sob a dinastia omrida, o local de culto é desativado e nenhum templo, seja javista ou de alguma outra divindade, é erigido na cidade. Pelo menos, até o presente momento, nenhum templo israelita foi encontrado no Tel. Do período israelita permanece remanescente, no lado sul do Tel, a base de um portão de seis câmaras, semelhante ao encontrado em Megiddo e Hazor (Kaefer, 2012, p. 25), e que igualmente foi atribuído erroneamente a Salomão. Ou seja, apesar das grandes obras realizadas na cidade, o poder da religião durante o domínio israelita também não deixou vestígios em Gezer.

Dá

Dá não passou ao domínio israelita antes de Jeroboão II (Finkelstein, 2016 p. 146). Contudo, é um sítio importante a mencionar para o tema em questão por causa da grande área sagrada (*bamah*), com um grande altar de quatro chifres, encontrada em Dá.

A exemplo de Hazor e Gezer, o Tel Dá (Tell el-Qadi) é um dos maiores sítios arqueológicos atualmente em Israel, particularmente importante por causa da permanente fonte de água (*Ain Leddan*) que nele aflora. Dá foi escavado por décadas (desde 1966) por Avraham Biran, do Hebrew Union College. O trabalho de Biran ficou particularmente conhecido pela descoberta da chamada “Estela de Dá”, em 1993 e 1994,⁵ única referência extrabíblica à dinastia davídica encontrada até hoje. A estela consta ter sido confeccionada por volta de 840 AEC por Hazael, rei de Damasco.

Biran dividiu as escavações do sítio em sete áreas. Interessa-nos a área cinco, onde foi escavado um templo de 18x18 metros, com um enorme altar de quatro chifres, de 4x4 de largura e 3 metros de altura. Essa é a parte mais elevada do sítio (acrópole). Além do grande altar, o santuário possuía, no lado norte, em frente ao altar, o chamado santo dos santos, onde deveriam estar representadas as divindades ou a divindade. Contudo, nenhuma *mazebah* (representação da divindade) foi encontrada em seu interior. Possivelmente foi ou foram levadas como espólio de guerra. Entre o santo dos santos e o altar havia uma enorme escadaria que conduzia ao topo do altar (Kaefer, 2016, pp. 60-62). É difícil saber a partir de que época esse santuário se encontrava ativo. É provável que nos últimos anos estivesse sob o controle arameu, do rei Hazael. O que se sabe é que ele foi desativado por volta da primeira metade do século VIII AEC, simultâneo à época em que Dá passou a ser governada por Israel Norte, com Jeroboão II (788-747). Nenhum templo substituto consta ter sido construído no local, então. Curiosamente, o texto bíblico relata o contrário, de que Jeroboão teria construído um santuário em Dá (1Rs 12,26-33). Ou seja, há claras evidências da grande importância e do poder da religião em Dá, prévio ao domínio israelita, não, assim, a partir de Israel.

5 Em 1993 foi encontrada a parte maior, A, e em 1994 as partes menores, B1 e B2 (Biran, 1995, pp. 1-18; Kaefer, 2016, pp. 64-74).

Estrutura metálica edificada sobre a base do grande altar de Dá.

Fonte: Foto do autor.

Samaria (Sebastia)

Samaria (Sebastia), primeira capital de Israel Norte (1Rs 16,24) sob o governo da dinastia omrida, tem uma localização estratégica, no coração montanhoso da região que leva o mesmo nome, cerca de 30 km da costa mediterrânea e de 40 km do rio Jordão. Sobre o cume do monte da Samaria se tem uma vista de 360 graus de todo entorno, incluindo o vale do Nahal Nablus. Nenhum exército inimigo pode se aproximar despercebido de sua vista.

Houve duas grandes escavações em Samaria. A primeira aconteceu nos anos 1908-1910, conhecida como a Expedição Harvard, dirigida por Gottlieb Schumacher (1908) e por George A. Reisner e Clarence S. Fisher (1909-1910). A segunda escavação aconteceu nos anos 1931-1935, que foi uma expedição conjunta de várias instituições e com uma ampla equipe de arqueólogos. E, novamente, em consonância com os sítios vistos até aqui, após as escavações atingirem com sucesso a base das construções omridas, nenhum templo israelita foi encontrado. Foram escavadas imensas construções no topo da colina, que havia sido cortado e as laterais levantadas e preenchidas para formar uma espécie de plataforma, cercada por uma imensa muralha, e que serviu de base para a toda área da realeza omrida. Um enorme palácio omrida foi encontrado, mas nenhum templo. Os únicos templos descobertos foram uma igreja bizantina, dedicada a João Batista, e o templo de Herodes, escavado em 1908 e que havia sido construído sob a base do

imenso palácio de Omri/Acab/Jeroboão II⁶ (Reisner, 1924, pp. 36-95; Franklin, 2004, pp. 189-202; De Mendonça, 2020). Isso, sem dúvida, é impressionante, pois a capital de um reino da dimensão de Israel Norte, que durante os reinados dos omridas e de Jeroboão II dominou sobre um extenso território, que se estendia até Eilat, no sul; até Hazor, no norte; até a costa mediterrânea, no oeste; e até Penuel, no leste, deveria ter um enorme templo.

Muro do palácio de Acab em Samaria.



Fonte: Foto do autor.

É bem verdade que ainda falta escavar boa parte do sítio, dificultado pelo longo conflito entre palestinos e israelenses. Quando isso for possível, quiçá se encontre não somente o procurado templo de Samaria, mas também algum artefato que ajude a comprovar que a escrita de textos complexos era praticada em Samaria, senão no período omrida, pelo menos durante o longo reinado de Jeroboão II. Ademais, a redação deuteronomista no livro de Oseias, considerado uma das mais antigas obras da Bíblia, faz uma série de denúncias contra o culto praticado em Samaria (Kaefer, 2015, pp. 878-906), ao qual culpa pela destruição e deportação em 720 AEC (Os 8,4-5; 13,2). Ainda que não esteja claro se a denúncia é diretamente contra um possível santuário em Samaria ou contra Betel “casa El”, chamada de *Bet-Aven* “casa do pecado” (Os 4,15; 5,8; 10,5).

Também Sargom II, em seus relatos sobre a conquista da Samaria, fala que “deportou de lá os deuses em quem eles confiavam” (Frahm, 2019, p. 72; Uehlinger, 1997, pp.

6 Acab ampliou o palácio de seu pai e Jeroboão II ampliou o palácio de Acab.

124-128). Ainda, em Kuntillet 'Ajrud, um sítio arqueológico no deserto do Sinai, dominado na época por Jeroboão II, foi encontrada uma inscrição que faz clara referência “a Javé da Samaria e sua Asherah” (Meshel; Carmi; Segal, 1993, p. 208).

Silo e Betel: os santuários nacionais de Israel Norte

Silo foi relativamente um grande centro econômico e religioso no final do Bronze Tardio. Dentro do cálculo da baixa cronologia, ela sofreu total destruição entre os 1050-1000 AEC. Depois disso, não houve mais um assentamento significativo em Silo. No Ferro I “não há evidência direta nos achados para a existência de um importante santuário em Silo. Nenhum traço arquitetônico de um santuário jamais foi encontrado no sítio” (Finkelstein, 2015, p. 42). Contudo, Silo continuou sendo referência religiosa para os habitantes da região. É possível que durante a dinastia omrida e posteriormente houvesse em Silo um pequeno santuário (*Bamah*) com uma imagem que representasse o Deus Javé (1Sm 2-3). É possível que este centro de culto, onde Javé era cultuado, concorresse com Baal-Javé da Samaria (Römer, 2016, pp. 89; 110-111).

Betel, situada a poucos quilômetros a sudoeste de Silo, também foi totalmente destruída na passagem do Bronze Tardio para o Ferro I. E, também como Silo, Betel volta a florescer, bem mais modesta, por volta do século X AEC, como todo o platô Gibeon-Betel. Nessa fase, o desenvolvimento maior ocorreu na primeira metade do século IX, com a dinastia omrida, e depois com Jeroboão II, na primeira metade do século VIII AEC. Contudo, nada extraordinário. A tradição bíblica apresenta Betel como um grande centro de culto, como diz seu nome (casa de El). Portanto, é de se considerar como substancialmente provável que havia aí um santuário (*Bamah*) ao Deus El, o Deus criador e pai dos deuses do panteão ugarítico. É possível que, assim como na mitologia ugarítica, Baal e Javé fossem subordinados a El. Com o transcorrer do reinado, Javé foi se sobrepondo a Baal e El (2Rs 9-10), absorvendo seus atributos, inclusive a associação ao símbolo do touro de El (Kaefér, 2015, pp. 878-906), até se tornar a divindade principal de Israel.

Enfim, o que nos interessa dizer aqui é de que nos parece seguro afirmar que em Israel Norte não havia um santuário central do Estado, que deveria estar na capital Samaria, mas três principais centros de culto: Betel, Silo e Samaria. De certa maneira, os três centros, com seus cultos e divindades próprios, concorriam: El (Betel), Javé (Silo) e Baal-Javé (Samaria). Inclusive, é possível pensar em outros centros menores de culto, como Penuel (Gn 32). De aí se conclui que não havia no reino um corpo sacerdotal consistente, que pudesse representar um poder paralelo ao da realeza.

Judá: Jerusalém, Laquis e Arad

O mesmo fenômeno visto em Israel Norte pode ser observado, em dimensão menor, em Judá, até o reinado do rei Josias (640-609).

Jerusalém

É muito complexo falar de arqueologia em Jerusalém e não é possível analisar aqui a questão a contento. O que se sabe é que, conforme as cartas de Amarna (EA 285-191) enviadas por um governante de nome 'Abdi-Heba, Jerusalém era uma cidade-estado bem expressiva durante o Bronze Tardio. Depois disso, pouco se sabe de Jerusalém. Dados o fato de Jerusalém ser uma cidade habitada e o prolongado conflito entre israelenses e palestinos, não tem sido possível escavar satisfatoriamente a chamada "cidade velha". De forma que até hoje nenhuma templo do período monárquico tem sido encontrado em Jerusalém.

É estranho que, conforme a narrativa bíblica, durante o reinado de Davi não houvesse templo em Jerusalém (2Sm 7). Somente com Salomão, seu sucessor, o templo teria sido construído (2Rs 6-8). Contudo, esse fabuloso templo salomônico também nunca foi encontrado. Nem templo e nem palácio. É bem verdade que há justificativas para isso, como, por exemplo, o fato de o topo do monte ser uma área muito acidentada, cujas estruturas remanescentes teriam sido carregadas pela erosão. Em todo caso, deve ter existido um templo a Javé em Jerusalém, cujas bases devem se encontrar sob a atual esplanada das mesquitas (*Haram ash-Sharif*) ou esplanada do templo, que não tem sido possível escavar⁷. Quanto ao seu tamanho e importância, isso é relativo. Pelas últimas descobertas, não deveria ser tanto quanto relatam os textos bíblicos.

Enfim, diante dos insuficientes subsídios arqueológicos, Jerusalém não serve de parâmetro para nossa hipótese. Porém, as suspeitas parecem apontar que até a segunda metade do século VIII, ou seja, até 732 AEC, Jerusalém não era um importante centro religioso. Corroboram essa afirmação as recentes descobertas no Tel Moza.

O Tel Moza é um sítio arqueológico localizado a aproximadamente 12 km de Jerusalém, junto à moderna pista que liga Jerusalém à Tel Aviv. Em 2012 foi escavado nesse sítio um enorme templo, medindo 20 metros de comprimento por 13 de largura. O edifício foi datado no período do Ferro IIA (entre o final do século X e início do século IX), ou seja, por volta do ano 900 AEC. O templo tinha o tamanho, o formato e a orientação leste-oeste similares ao chamado templo de Salomão em Jerusalém (2Rs 6). Nele foram encontradas quatro imagens, duas antropomórficas e duas zoomórficas (Kisilevitz, 2015, pp. 147-164). Ou seja, divindades totalmente desconhecidas. Sem adentrar detalhes, interessa-nos a pergunta: o que esse enorme templo fazia tão próximo do templo "javista" de Jerusalém? A única resposta possível no momento é de que a descoberta desse templo revela o quão pouco ainda sabemos da religião em Judá/Jerusalém entre os séculos X-VIII AEC.

Laquis

Laquis (*Tell ed-Dweir*) era a segunda cidade mais importante de Judá até sua destruição, por isto merece entrar em nossa análise. Situada na alta Sefelá, cerca de 45 km

⁷ Ultimamente outros pequenos pontos dentro da cidade velha estão sendo escavados. É o caso do Givati Parking Lot, cuja escavação está sendo conduzida pelo Departamento de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv (Kaefer, 2019, pp. 403-404).

a sudoeste de Jerusalém, Laquis também era uma importante cidade-estado durante o Bronze Tardio. É assim que ela aparece nas cinco cartas encontradas em el-Amarna (EA 328-332). Também como as demais cidades-estado do entorno, Laquis foi completamente destruída no final do Bronze Tardio e reconstruída no início do Ferro II, quando atingiu seu auge (900-701 AEC). Laquis é conhecida pela famosa pintura em baixo relevo encontrada no palácio de Senaquerib, a qual relata a conquista da cidade durante revolta do rei Ezequias em 705-701 AEC (2Rs 18).

Subindo uma enorme rampa, que atualmente está sendo reconstruída no Tel, chegava-se a um grande portão no lado esquerdo da cidade. A altura da colina, cercada por uma enorme muralha, que ainda hoje impressiona, dava um ar de imponência à cidade. Os remanescentes das escavações mostram um grande sítio de 7,2 hectares do período judaíta, com uma parte elevada (acrópole) identificada como a área da realza. Curiosamente, durante o domínio judaíta, a acrópole não era ocupada por templos, como nos sítios do Bronze Tardio, vistos acima, mas por palácios. Do período em que a cidade pertencia a Judá, nenhum templo foi encontrado, somente palácios. Contudo, na pintura de baixo-relevo assíria mencionada acima, que retrata a pilhagem da cidade após sua conquista por Senaquerib em 701 AEC, encontram-se utensílios de culto como um grande incensório, sendo levados pelos conquistadores (Römer, 2016, p. 124). Uma vez que Laquis estava sob o domínio do reino de Judá, esses utensílios deviam estar a serviço do culto a Javé. No entanto, pelo visto, nenhum templo extraordinário que pudesse indicar a existência de uma classe sacerdotal havia em Laquis. Pode-se concluir que até então, Judá ainda não tivesse atingido esse nível de desenvolvimento religioso. Isso poderia ter sido alcançado se o intento do rei Ezequias, de se livrar do jugo assírio, tivesse tido êxito.

Arad

Arad era uma cidade-fortaleza militar perto da fronteira sul do território controlado por Judá no final do século VII AEC, já adentrando ao deserto do Negev (Kaefér 2012, pp. 31-34; Uehlinger, 2006, pp. 80-112). A fortaleza não é grande, capaz de abrigar um número entre 20-30 soldados. Esse é um sítio especial, que se diferencia dos demais vistos até aqui. O especial desse sítio é o templo aí escavado e que foi datado do final do século VII AEC. Portanto, era um templo que estava em uso durante o reinado do rei Josias (640-612 AEC) e Joaquim (609-587 AEC). Esse é o único templo javista encontrado em todo reino de Judá. Similar ao templo de Jerusalém, o templo de Arad também foi construído no eixo leste-oeste (rota do sol), com um pátio central, contendo um altar de sacrifícios. Ao fundo se encontrava o santo dos santos, representado por duas estelas (*mazebot*), tendo à frente de cada estela um pequeno altar de incenso. Acredita-se que as estelas representavam Javé (a maior) e sua consorte Asherah (a menor)⁸.

8 O nicho do santo dos santos encontra-se atualmente no museu de Israel, em Jerusalém.

Réplica do santo dos santos do templo de Arad.



Fonte: Foto do autor.

Em 2020, foi feita uma análise em laboratório dos resíduos encontrados sobre o altar de incenso menor, portanto, o que se encontrava defronte à estela menor (Asherah). A análise detectou que os resíduos continham cannabis misturada com esterco de animal. Este último era provavelmente utilizado para a queima da cannabis, a fim de produzir o aroma. Acredita-se que a cannabis pudesse ser importada da região da Índia (Arie; Rosen; Namdar, 2020, pp. 5-28). Portanto, uma interessante descoberta que acresce conhecimento acerca dos ritos praticados nos santuários javistas.

Também em 2020, uma equipe da Universidade de Tel Aviv analisou o conjunto de mais de 100 ôstracos encontrados em Arad. Os ôstracos, provenientes de diferentes lugares, foram datados todos muito próximos, no final do século VII AEC, portanto, um pouco antes da destruição do sítio por Nabucodonosor em 600 AEC. Empregando dois novos métodos, a análise algorítmica de caligrafia e, de forma independente, a análise por um profissional de documentos forenses, o resultado foi impressionante. A análise de ambos os métodos detectou a existência de pelo menos 12 caligrafias diferentes nos ôstracos. Ou seja, que os ôstracos foram escritos por pelo menos 12 autores distintos (Shaus; Gerber; Faigenbaum-Golvin; Sobe; Piasetzky; Finkelstein, 2020). Conclui-se, portanto, que no final do século VII existia em Arad e arredores um corpo de escribas capaz de compor textos complexos. Se era assim em Arad, quanto mais na capital Jerusalém. Destarte, pode-se afirmar, com relativo fundamento, que em Jerusalém, durante os reinados de Josias e Joaquim, havia um corpo de escribas capaz de compor textos bíblicos. Da mesma forma, a partir disso, é possível afirmar também que só então surge em Judá um corpo sacerdotal que poderia representar um poder

paralelo ao Estado. Em Gênesis 47,13-26 há uma referência única na Bíblia, que pode ser reflexo desse poder adquirido pelos sacerdotes: “Somente a terra dos sacerdotes não ficou sendo do Faraó”. Há uma ênfase nisso, pois a afirmação se repete duas vezes na mesma perícopes (47,22.26b). Se situarmos Gn 47,13-26 no reinado de Josias, essa menção pode ser um testemunho da autonomia que o grupo sacerdotal alcançou na monarquia tardia em Judá, e somente então⁹. Além disso, ela nos leva a concluir que o poder da religião e o domínio da escrita são concomitantes.

Conclusão

Vimos que no Egito o poder da religião era muito forte, a tal ponto que chegava a competir com o Estado. Essa mesma estrutura social se reproduzia nas cidades-estado de Canaã, dominadas pelo Egito, ainda que as cartas de Amarna evitem tratar do assunto. Ela se mostra bem visível nas escavações feitas nos principais sítios arqueológicos de Canaã até o final do Bronze Tardio. A estrutura de dois poderes, palácio e templo, permitiu o surgimento de uma classe sacerdotal, que pôde se ocupar da composição literária de textos sagrados. Ou seja, a religião forte acelerou o interesse pelo acesso à escrita. É o que se pode ver, por exemplo, em Ugarit.

Na transição do Bronze para o Ferro I e mais especificamente para o Ferro II, quando essas cidades recuperam seu desenvolvimento, agora sob o domínio israelita, os templos desaparecem. Isso é bem visível nos principais sítios arqueológicos de Israel, como Megiddo, Hazor, Gezer, Dã e até na capital Samaria. Um caso típico é Megiddo, onde um enorme altar, que esteve ativo por mais de um milênio, é simplesmente substituído por habitações domésticas e estábulos para animais.

O mesmo fenômeno é observado no reino de Judá. Ali, nas principais cidades, como Jerusalém e Laquis, não foi encontrado nenhum templo do período monárquico. A situação só muda no final da monarquia, com Josias e Joaquim. É o que se pode ver em Arad. Ali foi escavado um templo com duas *mazebot*, provável representação de Javé e Asherah, bastante expressivo para o tamanho da cidade-fortaleza. Esse é o único templo javista encontrado em toda Judá monárquica. Em Arad também foi encontrado um alto número de ôstracos, que comprovam que a escrita era já bem desenvolvida nesse período. Esse particular evidencia que, para a época, a capital Jerusalém já deveria apresentar condições suficientes para abrigar um corpo de escribas capazes de compor textos bíblicos.

É possível que a forma de domínio imposto pelos assírios não permitisse uma significativa estrutura religiosa em seus estados vassalos. Essa estrutura só vai ser possível com o Estado independente, num curto período, durante os reinados de Josias, e, mais efetivamente, com o Estado hasmoneu.

9 Veja opinião divergente em Römer (2019, pp. 17-34), que localiza a perícopes no período hasmoneu.

Referências

ARIE, E.; ROSEN, B.; NAMDAR, D. Cannabis and Frankincense at the Judahite Shrine of Arad. *Journal of the Institute of Archaeology of Tel Aviv University*, v. 47, Tel Aviv, pp. 5-28, 2020.

BEN-TOR, Amnon. *Hazor: Canaanite Metropolis, Israelite City*. Jerusalem: Israel Exploration Society and Biblical Archaeology Society, 2016.

BIRAN, A. The Tel Dan Inscription: a new fragment. *Israel Exploration Journal*, v. 45, pp. 1-18, 1995.

COCHAV-RAINEY, Zipora. *The El-Amarna correspondence – A new edition of the cuneiform letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets*, v. II. Leiden: Brill, 2015.

CURTIS, Adrian. Ras Shamra, Minet el-Beida and Ras Ibn Hani: The Material Sources. In: WATSON, Wilfred; WYATT, Nicolas (Orgs.). *Handbook of Ugaritic Studies*. Leiden/Boston/Köln: Brill, 1999, pp. 5-27.

DE MENDONÇA, Élcio Sales Valmiro. *O primeiro estado de Israel: Redescobertas arqueológicas sobre sua origem*. São Paulo: Editora Recriar, 2020.

DEL OLMO, Lete. *Mitos y leyendas de Canaan según la tradición de Ugarit*. Valencia: Institución San Jerónimo, 1981.

DIETRICH, Manfred; LORETZ, Oswald; SANTMARTÍN, Joaquín. *Die keilalphabetischen Texte aus Ugarit, Ras Ibn Hani und anderen Orten*. Münster: Ugarit Verlag, 2018.

FINKELSTEIN, Israel. Between Jeroboam and Jeroboam: Israelite Identity Formation. In: BERLEJUNG, Angelika; MAEIR, Aren (Org.). *Research on Israel and Aram*. Leipzig: Mohr Siebeck, 2016, pp. 139-155.

FINKELSTEIN, Israel. *O reino esquecido – Arqueologia e história de Israel Norte*. São Paulo: Paulus, 2015.

FRAHM, Eckart. Samaria, Hamath, and Assyria's Conquests in the Levant in the Late 720s BCE. The Testimony of Sargon II's Inscriptions. In: HASEGAWA, Shuici; LEVIN, Christoph; RADNER, Karen (Orgs.). *The Last Days of the Kingdom of Israel*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2019, pp. 55-86.

FRANKLIN, Norma. Entering the Arena: The Megiddo Stables Reconsidered. In: LIPSCHITS, Oded; GADOT, Yuval; ADAMS, Matthew (Orgs.). *Rethinking Israel – Studies in the history and archaeology of ancient Israel in honor of Israel Finkelstein*. Wininona Lake: Eisenbrauns, 2017, pp. 87-101.

FRANKLI, N. Samaria: From the Bedrock to the Omride Palace. *Levant*, v. 36. Tel Aviv: Tel Aviv University Press, pp. 189-202, 2004.

GIBSON, John. The Ugaritic Literary Texts – The Mythological Texts. In: WATSON, Wilfred; WYATT, Nicolas (Orgs.). *Handbook of Ugaritic Studies*. Leiden/Boston/Köln: Brill, 1999, pp. 193-202.

KAEFER, José Ademar. *Arqueologia das terras da Bíblia I e II*. São Paulo: Paulus, 2012/2016.

KAEFER, J. A. À procura de Saul! Uma análise de Primeiro Samuel 9-(12)14. *Horizonte*, v. 14, Belo Horizonte, pp. 402-426, 2016.

KAEFER, José Ademar. *As cartas de Tell el-Amarna e o contexto social e político de Canaã antes de Israel*. São Paulo: Paulus, 2020a.

KAEFER, J. A. O Êxodo como tradição de Israel Norte, sob a condução de El e Javé na forma de touro jovem. *Horizonte*, v. 13, Belo Horizonte, pp. 878-906, 2015.

KAEFER, J. A. Quando Judá se torna Israel. *Pistis Praxis*, v. 12, Curitiba, pp. 391-409, 2020b.

KAEFER, J. A.; DE MENDONÇA, E. V. S. A escavação de Megiddo e a descoberta da tumba real. *Estudos de Religião*, v. 33, São Bernardo do Campo, pp. 125-147, 2019.

KAEFER, J. A.; XAVIER, S. O método histórico-crítico e a nova arqueologia: uma análise bíblico-arqueológica do contexto histórico do livro de Neemias. *Estudos Teológicos*, v. 59, São Leopoldo, pp. 397-412, 2019.

KISILEVITZ, S. *Tel Aviv*, v. 42, Tel Aviv, Tel Aviv University Press, pp. 147-164, 2015.

KLEIMAN, Assaf (et all). Cult Activity at Megiddo in the Iron Age – New Evidence and a Long-Term Perspective. *Zeitschrift des Deutschen Palästine-Verreins*, 17 (1). Wiesbaden: Harrassowitz Verlag, pp. 24-52, 2017.

LEWIS, Theodore J. *The origin and character of God: ancient israelite religion through the lens of divinity*. New York, Oxford University Press, 2020.

MESHEL, Z.; CARMI, I.; SEGAL, D. 14C Dating of an Israelite biblical site at Kuntillet 'Ajrud. *Radiocarbon*, v. 37, Tucson, pp. 205-212, 1993.

MORAN, William L. *The Amarna letters*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989.

MYNAROVÁ, Jana. Discovery, research and excavation of the Amarna tablets – the formative stage. In: RAINEY, Anson (Org.). *The El-Amarna correspondence – A new edition of the cuneiform letters from the site of El-Amarna based on collations of all extant tablets*. Leiden/Boston: Brill, 2015, pp. 37-46.

PARDEE, Dennis. *Ritual and Cult at Ugarit*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2002.

RAINEY, Anson (Org.). *The El-Amarna Correspondence – A new Edition of the Cuneiform Letters from the Site of El-Amarna based on Collations of all Extant Tablets*. Leiden/Boston: Brill, 2015.

REISNER, George A. *Harvard Excavations at Samaria: 1908-1910 – Plans and Plates, v. 2*. Cambridge: Harvard University Press, 1924.

RÖMER, Thomas. *A origem de Javé – O Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016.

RÖMER, Thomas. Joseph inventeur du capitalisme (Gn 47,13-26): Enjeux économiques et politiques dans un ajout à l'histoire de Joseph. In: RAMOND, S.; TITUS, P. J. (Orgs.). *Bible et Politique: Hommage au Professeur Olivier Artus pour son 65 anniversaire*. Bangalore: ATC Publishers, 2019, pp. 17-34.

SHAUS, Arie; GERBER, Yana; FAIGENBAUM-GOLVIN, Shira; SOBER, Barak; PIASETZKY, Eli; FINKELSTEIN, Israel. Forensic document examination and algorithmic handwriting analysis of Judahite biblical period inscriptions reveal significant literacy level. In: SCHNIEDEWIND, William (Ed.). *PLOS ONE*, 15 (9). Los Angeles: University of California, 2020.

SMITH, Mark. *The rituals and myths of the feast of the goodly gods of KTU/CAT 1.23 – Royal Constructions of Opposition, Intersection, Integration, and Domination*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006.

SCHMITT, Rüdiger. *Die Religionen Israels/Palästinas in der Eisenzeit. 12.-6. Jahrhundert v. Chr.* Münster: Saphon, 2020.

VAN SOLDT, Wilfred. The Syllabic Akkadian Texts. In: WATSON, Wilfred; WYATT, Nicolas (Orgs.). *Handbook of Ugaritic Studies*. Leiden/Boston/Köln: Brill, p.28-45, 1999.

UEHLINGER, Christoph. Anthropomorphic cult statuary in Iron Age Palestine and the search of Yhw's cult images. In: VAN DER TOORN, Karel (Org.). *The Image and the Book. Iconic Cults, Aniconism and the Rise of the Book Religion in Israel and the Ancient Near East*. Louvain: Peeters, 1997, pp. 124-128.

UEHLINGER, Christoph. Arad, Qitmit-Judahite Aniconism vs. Edomite Iconic Cult? Questioning the Evidence. In: BECKMAN, Gary; LEWIS, Theodore (Orgs.). *Text, Artifact, and Image Revealing Ancient Israelite Religion*. Providence (USA): 2006, pp. 80-112.

UEHLINGER, Christoph. Distinctive or diverse? Conceptualizing ancient

Israelite religion in its southern Levantine setting. In: KNOPPERS, Gary N. (Et all). *Hebrew Bible and Ancient Israel – Commonalities and Differences: Religion(s) of Iron Age II Israel and Judah in Context*. Tübingen: Mohr Siebeck, 2015, pp. 1-24.

USSISHKIN, David. *Megiddo-Armageddon. The Story of the Canaanite and Israelite City*. Jerusalém: Israel Exploration Society; Biblical Archaeology Society, 2018.

WYATT, Nicolas. The Religion of Ugarit – An Overview. In: WATSON, Wilfred; WYATT, Nicolas. *Handbook of Ugaritic Studies*. Leiden/Boston/Köln: Brill, 1999, pp. 529-585.

YADIN, Y. Solomon's City Wall and Gate at Gezer. *IEJ*, n. 8, pp. 80-86, 1958.

YON, Marguerite. *The City of Ugarit at Tell Ras Shamra*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006.

Editora responsável: Patrícia Rodrigues de Souza

Enviado em: 25/06/2021

Aprovado em: 13/11/2021